

ESCOLA E SOCIEDADE: UMA INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA DE CASOS DE BULLYING ENTRE OS ESTUDANTES DA ESCOLA SONHO COLORIDO EM CAPISTRANO-CE.

Ana Kercia Mendes Lima¹

Resumo

A realidade social vivenciada em detrimento da violência vem sendo cada vez mais presente no cotidiano de meninos e meninas na idade escolar. O ambiente, muitas vezes propício a estes atos, vem se caracterizando com um espaço proeminente para as práticas, necessitando assim de olhares e manobras urgentes para o combate a violência escolar. Uma das principais violências presentes no dia a dia das escolas é o bullying, sendo ela praticada independente do gênero, cor e raça, subdividindo-se em moral e física. Por essas questões, através da vivência profissional e dos casos de violência escolar apresentados na Escola Sonho Colorido (ESC), no município de Capistrano/CE, o presente texto objetiva investigar, compreender e combater as vivências experienciadas em casos de bullying por discentes desta instituição. Utilizando-se de uma abordagem quali-quantitativa, a pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso, ao qual possui como técnica de coleta de dados a observação, a entrevista e o questionário. Já como técnicas de análise de dados o estudo apresenta-se com a estatística descritiva e a análise do conteúdo. Com isso, os resultados apresentados apresentam uma realidade enfrentada em todo Brasil, se feito um comparativo, e ainda aponta uma solução para ser trabalhada na ESC que pode ser também usada em outras instituições.

Palavras-chave: Bullying; Ambiente Escolar; Sociedade; Violência; Intervenções.

¹ Licencianda em Sociologia pela UNILAB. Bacharela em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB). E-mail: annakercya1@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A escola é uma das instituições que permitem a observação de fatos relacionados à socialização, além de ascensão à cidadania, à expressão de atitudes e opiniões, e principalmente um local onde o desenvolvimento pessoal e social deve ser estimulado e afluído no dia a dia, fazendo da escola uma instância social (Freire, 2019). Dialogando com a ideia de Paulo Freire, ainda na perspectiva educacional, Durkheim (2013) afirma que a educação é um fato social, ou seja, uma vez que visa inculcar maneiras de agir, pensar e sentir exteriores aos indivíduos.

A educação voltada a uma perspectiva durkheimiana é vista como uma educação cultural, mas também estruturalista, na qual se vê a necessidade da transversalidade, de seus saberes transpassarem gerações, possibilitando a valorização das tradições e subjetividades de cada indivíduo, pois acredita-se que além de formador o indivíduo é um produto dela.

De acordo com Dewey (1938), torna-se importante a utilização de uma aprendizagem baseada na experiência, onde os alunos se envolvem ativamente em situações práticas e problemas do mundo real. Dessa maneira, o autor acredita que a educação deveria ser centrada no aluno, promovendo a reflexão crítica, a resolução de problemas e a participação ativa na comunidade. Essa abordagem é semelhante à visão de Durkheim (2013), de que a educação desempenha um papel fundamental na construção da identidade e na coesão social.

Por outro lado, esses ideais reafirmam o padrão de enquadramento da educação, na qual o sujeito precisa suprir as expectativas do seu meio social. Dessa maneira, a educação precede um processo de socialização que requer regras, a fim de possibilitar um equilíbrio interpessoal. Assim como Durkheim, Dewey (1916), vê a educação como um processo que não apenas transmite conhecimento, mas também desempenha um papel crucial na formação das identidades e na construção de valores sociais.

Com a quebra dessas regras pré-estabelecidas e a desarmonia dentro de um contexto social, ou em sala de aula, geram-se micro violências sociais de indivíduos contra o outro de sua mesma espécie. Assim, é nesse contexto que se encontra o *bullying*, termo inglês que remete à intimidação física e psicológica, o qual vem sendo entendido como um conjunto de atitudes agressivas intencionais e repetidas que representam um abuso de poder de um aluno contra o outro (Constantini, 2004).

O *bullying*, segundo Neto (2005), compreende as atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outros. Ainda de acordo com o autor, esses comportamentos causam dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder, podendo gerar consequências no desenvolvimento psicossocial dos envolvidos.

Partindo desses princípios, se fez como justificativa para pesquisa, a observação das micro violências na educação, tendo como intermédio a atuação da autora como professora na rede de ensino privada. Com isso, as análises dos impactos do *bullying*, centrados na educação, passaram inicialmente a ser percebidas nos seguintes aspectos: relações sociais de estudantes, seus rendimentos escolares, a partir da análise da instituição de ensino, Projeto Político Pedagógico (PPP) e as análises da disciplina de Cidadania, Moral e Ética. Junto a isso, buscou-se interligar o que era observado na escola com o que era trago por pensadores clássicos e contemporâneos da sociologia e educação.

Desse modo, o presente estudo de caso, pautado em uma abordagem qualitativa, objetiva investigar, compreender e combater as vivências experienciadas em casos de *bullying* no contexto escolar. Essa investigação propõe-se a entender os fatos e ações que influenciam as práticas de *bullying* e de que maneiras esses hábitos são disseminados e combatidos na Escola Sonho Colorido (ESC), localizada no município de Capistrano/CE. É válido ressaltar que o trabalho teve seu início durante a componente curricular Estágio Supervisionado I, no curso de Licenciatura em Sociologia, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

Em seu processo metodológico o presente artigo apresenta como técnica de coleta de dados a entrevista, o questionário fechado e a observação, buscando dialogar com os indivíduos a fim de compreender seus olhares referentes à prática do *bullying* escolar. Porém, destaca-se que além disso a pesquisa ainda contou com momentos de palestras informativas, com o apoio da gestão escolar e psicóloga da instituição, cujo intuito seria melhorar a relação social em sala de aula. Já como técnica de análise de dados utilizou-se a análise do conteúdo e a estatística descritiva.

A partir da análise superficial do material produzido pode-se notar uma maturidade no diálogo a respeito do tema, podendo isso ser observado nas respostas das entrevistas e questionários trabalhados com os alunos do 6º ao 9º ano. Em uma análise mais precisa dos

dados coletados, nota-se a divergência entre gênero; onde as meninas entrevistadas já foram vítimas de bullying, enquanto os meninos afirmam não sofrer com essa prática. Através destes pontos, observa-se a necessidade de dialogar sobre vivências, olhares e experiências acerca da temática dentro do ambiente escolar, a fim de possibilitar uma melhor relação social.

2. VIVÊNCIAS E OLHARES A RESPEITO DA EDUCAÇÃO E BULLYING: UM RECORTE AUTORAL

Sobre meus olhares e vivências no campo educacional posso afirmar que iniciaram-se cedo em minha vida. Com minha mãe sendo professora, a educação sempre me foi apresentada com o viés transformador de Paulo Freire, ou seja, a educação como transformação social. Após o início da formação em Sociologia e da carreira docente, a ideia sobre a educação se expande, entendendo a mesma como um fato social importantíssimo para analisar e entender a sociedade e suas características de interrelações sociais. Desta forma, meu olhar momentâneo, tendo em vista que o professor vive em constantes evoluções como relata Huberman (2007), contempla inúmeras reflexões acerca da minha construção profissional desenvolvida ao longo da vida acadêmica e vivências ocorridas na educação particular, pública e popular.

As vivências e práticas relacionadas às componentes curriculares de Estágio Supervisionado me possibilitaram uma nova atuação, diferentes experiências acadêmicas, profissionais e pessoais. Como defendem Pimenta e Gonçalves (1990), o estágio não é apenas a parte prática do curso, mas sim um momento de aproximação da realidade. Conseqüentemente, o Estágio Supervisionado I transportou a experiência do pensar as formas educacionais no âmbito escolar, dentro de uma realidade escolar formal, e no pensar de forma totalitária e suas diversas perspectivas. Ao finalizar a componente, desenvolveu-se uma pesquisa centrada no contexto escolar e nas violências existentes na escola, possuindo como maior enfoque a prática do *bullying*. Pesquisa essa realizada na escola a qual leciono as disciplinas de História e Empreendedorismo.

Para tanto, esse momento também possibilitou o estágio como um momento de pesquisa, sendo ele de suma importância para maior aproximação da realidade escolar. Este ponto vai de encontro com o que afirma Pimenta e Lima (2006, p. 14), quando apontam a

pesquisa no estágio como uma oportunidade de permitir “a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam”.

Dessa forma, meu olhar sobre a escola, sociedade e *bullying* sobressaltam a experiência vivenciada na componente Estágio Supervisionado I, podendo agora interligar conteúdos específicos do curso, como por exemplo a disciplina de Sociologia da Violência, a uma mente criativa e questionadora de uma futura socióloga e educadora em formação, aflorando-se para as inter-relações sociais existentes no campo educacional e sociológico.

3. ESCOLA, *BULLYING* E SOCIEDADE: VISÕES DE GRANDES PENSADORES

Émile Durkheim (2013), um dos fundadores da Sociologia, desenvolveu uma teoria que busca enfatizar a importância da educação na formação de uma consciência coletiva e na manutenção da coesão social. Em sua obra "Educação e Sociologia", Durkheim contribuiu significativamente para o campo da Sociologia da Educação. Seus estudos auxiliaram na Função Integradora da Educação, Socialização e Solidariedade Social, Prevenção da Anomia e no Desenvolvimento da Consciência Individual e Coletiva. Portanto, as ideias de Durkheim sobre a educação destacam a sua importância não apenas como um veículo para a transmissão de conhecimento, mas também como um mecanismo vital para a coesão social e a manutenção da ordem na sociedade.

Viajando nesses ideais durkheimianos, pode-se dizer que a escola desempenha um papel importante na reprodução social, transmitindo valores culturais, normas e conhecimentos entre gerações. Nesse viés, a sociologia examina como a escola contribui para a coesão social, sendo esse local de troca de conhecimentos um microcosmo que reflete e molda a cultura e os valores da comunidade em que está inserida. Dessa maneira, com a utilização de uma abordagem sociológica, existe uma permissão analítica sobre a escola, sendo ela agora uma instituição que vai além do ensino de conteúdos acadêmicos, a partir da ideia de que a escola molda não apenas o conhecimento dos alunos, mas também influencia aspectos mais amplos da vida social.

De acordo com Durkheim (2013), a função social da escola é multifacetada, pois, além de transmitir conhecimento, ela também desempenha seu papel na socialização dos indivíduos, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e ativos na sociedade. Assim, torna-se um espaço onde as normas culturais são ensinadas e reforçadas, preparando

os alunos para integrarem-se na comunidade de maneira informada e ética. Com isso, a escola, socialmente falando, segue moldando não apenas o conhecimento dos alunos, mas também influenciando em aspectos mais amplos da vida social.

O ambiente escolar, por sua vez, é um reflexo de dinâmicas sociais mais amplas, como por exemplo em hierarquias, estereótipos e exclusões (Lima, 2011). Mediante isso, o *bullying* surge como uma expressão dessas dinâmicas, onde alguns alunos buscam afirmar poder sobre outros. Nesse sentido, Foucault (1979) argumenta que o poder não é algo que algumas pessoas "possuem" e outras não; é uma rede de relações que permeia todas as instituições sociais. No contexto escolar, o *bullying* pode ser visto como uma forma pela qual alguns alunos exercem poder sobre outros, reforçando as hierarquias sociais presentes na escola.

Além disso, a pressão para uma conformidade aos padrões sociais estabelecidos pode levar à exclusão de indivíduos considerados "diferentes", o que se torna uma situação alarmante quando imagina-se quais conflitos mentais e sociais surgirão a partir da não adequação a esses padrões.

Nesse contexto, quando se pensa e analisa sobre sociedade, escola e *bullying*, se faz necessário discutir sobre a função moral da educação, pois é com base nela que Durkheim (2013) via a educação não apenas como um meio de transmitir conhecimento, mas também como uma instituição social que desempenha um papel crucial na socialização, na transmissão de valores e na manutenção da coesão social. Nesse contexto, a educação junto a formação da consciência moral das crianças, cria para a escola o dever de ensinar os valores morais e éticos da sociedade, garantindo a conformidade com as normas compartilhadas, o que pode ser visto como a reprodução de um ensino social mais adequado.

Ao despertar essa discussão, é importante também destacar as ideias de Piaget na sua obra "O Juízo Moral na Criança", de 1932. Nesse texto o autor afirma que além da prática da socialização e controle social abordados por Durkheim (2013), também é necessária a interação social na construção do conhecimento e no desenvolvimento moral das crianças, tendo em vista que dentro dos padrões educacionais essa prática é vista como um mecanismo de socialização que prepara os indivíduos para se tornarem membros produtivos da sociedade. Piaget (1994), destaca ainda a importância da interação com pares e a participação em grupos sociais sendo estes elementos-chave no desenvolvimento social das crianças, influenciando suas atitudes em relação às normas e valores compartilhados pelo grupo.

Dialogando essas ideias sociológicas sobre a educação, se faz interessante também relacionar a perspectiva durkheimiana da educação com o pensamento de Erving Goffman, em sua obra "Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada", de 1988. Enquanto Durkheim (2013) enfatiza a importância da educação como um elemento cultural e estrutural na formação dos indivíduos e da sociedade, Goffman (1988) se concentra na interação social e na maneira como as identidades são moldadas e estigmatizadas em contextos sociais.

Em uma perspectiva durkheimiana, a educação é vista como um meio de transmitir valores culturais e estruturar a sociedade. Para o autor, ela é primordial na criação de cidadãos que compartilham uma cultura comum e compreendem as normas e valores que sustentam a coesão social. Por outro lado, Erving Goffman, em sua obra "Estigma", explora como as identidades individuais são moldadas e muitas vezes estigmatizadas nas interações sociais. O autor expõe que as pessoas são frequentemente rotuladas e estigmatizadas com base em características percebidas como diferentes, o que pode levar à marginalização e à construção de identidades estigmatizadas.

Goffman (1988) também destaca que as interações sociais e os rótulos podem afetar a autoimagem e a identidade de uma pessoa, levando-a a duvidar de suas próprias habilidades e valor pessoal. Isso pode ter implicações significativas na forma como ela se relaciona consigo mesma e com os outros. No contexto da prática de bullying, estes estigmas podem ser usados como justificativa para o assédio, como por exemplo em situações sobre aparência física, orientação sexual ou qualquer outra característica percebida como "diferente".

Essas duas perspectivas socioeducacionais podem interligar-se considerando que a educação, na visão de Durkheim (2013), tem a responsabilidade de transmitir valores e normas culturais que moldam a identidade dos indivíduos. No entanto, Goffman (1988) ressalta que a identidade individual é moldada não apenas pela educação, mas também pelas interações sociais, que podem levar a estigmas e rótulos que afetam a identidade de uma pessoa.

Portanto, a educação, ao mesmo tempo que molda a identidade cultural e estrutural dos indivíduos, também deve considerar as implicações das interações sociais e do estigma na formação da identidade. Essa interligação pode destacar a importância da educação na

promoção da compreensão e do respeito pelas diferenças e na mitigação dos estigmas que podem surgir nas interações sociais.

Em complemento a essas ideias, a Teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky enfatiza a importância da interação social na aprendizagem e no desenvolvimento. A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) destaca a diferença entre o que um aluno pode fazer sozinho e o que pode fazer com o apoio de um professor ou colega mais experiente (Vygotsky, 1984). Dialogando com a prática do bullying, nota-se que a ZDP pode ser uma aliada no destaque do processo de interação social na escola, pois através dela existe a possibilidade de uma análise do comportamento dos alunos. Dessa maneira, se as interações sociais promovem o respeito, a empatia e a colaboração, ela automaticamente poderá contribuir com a prevenção dos casos de bullying. No entanto, se as interações sociais promovem estigmas e comportamentos agressivos, o bullying pode ser incentivado.

Em resumo, a combinação dessas perspectivas nos leva a entender que a educação desempenha um papel crítico na formação da identidade e do comportamento dos alunos. Para combater o bullying, é fundamental que as escolas promovam uma educação que ensine valores de respeito, empatia e inclusão, ao mesmo tempo que reconheçam a influência das interações sociais na dinâmica do bullying. A teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky destaca a importância das interações sociais na aprendizagem e no desenvolvimento, enfatizando que a escola pode desempenhar um papel fundamental na promoção de uma cultura escolar que previna o bullying e promova relacionamentos saudáveis entre os alunos.

Em complemento às ideias de Vygotsky, Dewey (1938) em seu livro “Aprendizado Experiencial”, defendia que a educação deve ser centrada na experiência do aluno, onde os alunos aprendem ativamente por meio da experimentação e da resolução de problemas do mundo real. O autor ainda defende que a educação deve caminhar de maneira progressiva, adaptando-se às necessidades dos alunos e à evolução da sociedade.

Essas reflexões alinham-se com a ideia de escola como ambiente em constante evolução, como defendem Durkheim e Freire. Com isso, a escola passa a ter a capacidade de lidar com as dinâmicas do bullying e com as mudanças culturais e sociais que podem influenciá-lo. Além disso, destaca-se a possibilidade de abordagens progressivas capazes de

envolver uma revisão constante das políticas e práticas escolares a fim de garantir que elas estejam alinhadas com os valores de inclusão, respeito e justiça.

Entretanto, para Bourdieu (2023) deve haver no ambiente socioeducacional a noção de "violência simbólica", sendo essa ideia relacionada diretamente ao fenômeno do *bullying* escolar, especialmente quando se considera a dinâmica de poder e as relações sociais dentro do contexto educacional. A violência simbólica é um conceito central na teoria de Bourdieu, referindo-se à imposição de significados, valores e normas culturais que servem para manter a ordem social e reforçar as desigualdades existentes. Essa forma de violência não envolve diretamente o uso de força física, mas opera por meio da legitimação e naturalização das estruturas sociais dominantes.

Dessa forma, ao aplicarmos esse conceito ao *bullying* escolar, podemos ver várias conexões, como por exemplo na imposição de uma hierarquia social por meio de práticas simbólicas, como ridicularização, exclusão social e estigmatização, contribuindo para a perpetuação de desigualdades e para a criação de dinâmicas de poder no ambiente escolar. É importante salientar que os estudantes vítimas de *bullying* na maioria das vezes experimentam a violência simbólica, pois são submetidos a formas de opressão que vão além da violência física.

Bourdieu (2023), afirma que a ridicularização, exclusão social e estigmatização no *bullying* podem ser entendidas como formas de violência simbólica. As vítimas não apenas sofrem fisicamente, mas também experimentam a imposição de significados e valores que as colocam em uma posição socialmente inferior. A violência simbólica, portanto, atua como uma ferramenta para manter a ordem social e a hierarquia.

Assim, o *bullying* escolar pode ser visto como uma manifestação concreta da violência simbólica, pois reflete e perpetua as desigualdades e normas culturais presentes na sociedade. A análise sob a perspectiva de Bourdieu ajuda a compreender não apenas os atos de *bullying* em si, mas também as estruturas mais amplas que contribuem para sua existência.

Ao integrar as ideias de Dewey com as perspectivas de Durkheim, Goffman, Bourdieu e Vygotsky, podemos desenvolver estratégias educacionais e práticas escolares mais eficazes para criar um ambiente inclusivo e menos propenso ao *bullying*. Abordar essa prática requer uma compreensão profunda das interações sociais na escola. Estratégias eficazes envolvem

não apenas lidar com casos individuais, mas também criar um ambiente escolar que promova a inclusão, o respeito e a empatia.

5. A PRÁTICA DO *BULLYING*: PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS E COMBATE

Assim como a violência a prática de *bullying* não escolhe gênero e muito menos idade. Com o avanço tecnológico ela se encontra cada vez mais presentes em múltiplos espaços mundo afora. Dar um maior destaque a essas ações em nosso dia a dia se faz necessário, pois, para muitos praticantes elas iniciam como uma “simples brincadeira”, entretanto, a continuidade desses atos podem gerar momentos de agressão moral, verbal e corporal, o que passa a afetar psicologicamente e corporalmente às vítimas do bullying (Pautz; Souza; Camargo, 2015).

Por iniciar através de “brincadeiras”, as análises sociais sobre esta prática devem ser devidamente cuidadosas, tendo em vista que elas não estão presentes apenas nos ambientes escolares, podendo assim serem iniciadas em qualquer tipo de ambiente social, inclusive o familiar (Silva, 2010). Através dessas variadas possibilidades de espaços propícios ao *bullying*, os pais e professores devem estar sempre atentos aos mais simples detalhes quanto aos sinais apresentados pelas vítimas, pois, a falta de atenção somada a um aglomerado de sintomas podem gerar o que Fante (2005) denominou de síndrome dos maus tratos repetitivos.

Um estudo feito por Malta *et al.* (2010), em escolas públicas e privadas de todas as capitais do território brasileiro, tendo como base os dados apresentados em uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em conjunto com o Ministério da Saúde, contando com cerca de 60.973 alunos do 9º ano, de 1.453 escolas distintas, apresentou como resultado que meninos relatam sofrer mais bullying que meninas, e também que não há diferença em relação ao número de casos em escolas públicas e privadas.

Outro estudo, desta vez desenvolvido por Cristovam *et al.* (2010), apontou que 78,8% dos alunos do Ensino Fundamental, participantes da pesquisa, já estiveram envolvidos em atos de bullying, afirmando ainda que as vítimas tendiam apresentar mais problemas de saúde. Outra questão importante a ser destacada é que existe nesses discentes uma tendência quatro vezes maior para o suicídio em comparação a outros alunos não vítimas de bullying.

Um material mais recente sobre estas experiências, elaborado por Teixeira (2013), mostra que cerca de 30% das crianças em idade escolar sofrem ou já sofreram bullying, e um

total de 10% delas continuam a ser vítimas dessa prática. Dessa forma, observando as pesquisas de Malta *et al.* (2010), Cristovam *et al.* (2010) e Teixeira (2013), nota-se que o bullying está presente no cotidiano escolar e que devem ser desenvolvidas cada vez mais metodologias capazes de amenizar essa violência, a fim de conscientizar os infratores, também conhecidos como bullies.

Assim, diante da presença cotidiana dessa realidade, as repercussões do bullying escolar vem se tornando mais frequentes e visíveis em nossos meios sociais, dessa forma tomando uma proporção assombrosa. De acordo com Bandeira e Hutz (2010), destaca-se como um dos “colaterais” as implicações na autoestima dos adolescentes, apresentando diferentes resultados entre meninas, meninos, vítimas, agressores, etc.

Trevisol e Dresch (2011) mencionam que as consequências do bullying são capazes de atingir todos os envolvidos, sendo facilmente perceptível pelos professores. De maneira radical, ainda afirmam que no caso dos bullies as consequências são perceptíveis através das dificuldades de aprendizagem e da alta taxa de indisciplina.

As tensões apresentadas por Trevisol e Dresch (2011) dialogam também com o pensamento de Gomes e Rezende (2011) e conseqüentemente com o de Ferreira et al. (2010), uma vez que os autores salientam a possibilidade das repercussões do bullying estarem presentes na aprendizagem dos alunos.

Nesse viés, partindo da ideia de Libâneo (2015) sobre o papel da educação, a escola deve buscar três objetivos principais, sendo eles: a preparação para a vida em sociedade, a formação cidadã e a formação ética. Aprofundando-se na questão defendida pelo autor e interligando com as tensões relacionadas ao combate do bullying, observa-se a necessidade de práticas pedagógicas capazes de interferir no avanço dessa violência. Dessa maneira, destaca-se como exemplos a criação de um ambiente mais seguro, movimentos de intervenções, conversa e escuta, capacitação de professores e dos demais agentes educacionais e o envolvimento de toda a comunidade escolar, com o propósito de possibilitar um processo socioeducacional mais apropriado.

6. METODOLOGIA

Frente às discussões apresentadas durante o texto e também dos padrões socioeducacionais brasileiros, para melhor desenvolver esta pesquisa utilizou-se como método

técnico procedimental o Estudo de Caso. De acordo com Almeida (2016), pode-se entender este método técnico como uma metodologia holística, a fim de compreender um fenômeno ou evento em suas diversas dimensões. O autor ainda afirma que o Estudo de Caso propicia a utilização de diversas abordagens, sendo elas quantitativas ou qualitativas, o que capacita uma melhor compreensão do tema abordado.

Sendo assim, a pesquisa utiliza-se de uma abordagem tanto qualitativa como quantitativa (quali-quantitativa), pois, para Minayo (1993) um estudo com uma abordagem quantitativa pode gerar questões a serem trabalhadas qualitativamente e vice e versa, dessa forma, afastando a ideia de supremacia de uma abordagem em relação a outra. À vista disso, a união dessas abordagens nos possibilita uma representação subjetiva, social e coletiva do sujeito, ao se trabalhar a pesquisa qualitativa; e uma concepção mais objetiva, resultadista e individual, ao ser desenvolvida uma pesquisa quanti (Gonçalves; Meirelles, 2004).

Como técnicas de coleta de dados, o trabalho se desenvolve a partir da utilização de observação, questionário, entrevista e roda de conversa, subdividindo-se em 4 etapas distintas. Como locus da pesquisa obteve-se a Escola Sonho Colorido, localizada no interior do Ceará, mais precisamente na cidade de Capistrano, situada a 99,1 km de Fortaleza. A instituição possui ensino de Educação Infantil e Fundamental, computando aproximadamente 225 estudantes matriculados, 20 professores e 7 servidores nas demais funções. Entretanto, é válido destacar que toda a pesquisa foi desenvolvida com alunos do Ensino Fundamental II.

A primeira etapa caracterizou-se pela observação do dia a dia escolar, como mostra a imagem 1, tendo seu ápice nas aulas da disciplina de Cidadania, Moral e Ética, ao dar início ao assunto sobre a prática de *bullying*, sendo possível ainda interligar o tema as leituras feitas no decorrer da componente curricular de Estágio supervisionado I, apresentadas na graduação, o que impulsionou um debate ainda mais interessante sobre o tema.

Imagem 1 - Momentos de observação em sala de aula



Fonte: própria autoria

Mediante a isso, a segunda etapa contou com a utilização de um questionário fechado, que foi respondido por 43 alunos. O questionário propunha respostas às seguintes questões: *Já fui vítima de bullying?*; *Já pratiquei bullying?*. Dando sequência à pesquisa, viu-se a necessidade de uma terceira etapa, que teve como intento a aplicação de uma entrevista.

Em seu roteiro, que se encontra em anexo, a entrevista sugeriu respostas às seguintes perguntas:

- *O que é bullying?*
- *Quais são as consequências para o aluno que é alvo?*
- *Como o bullying afeta a saúde de quem sofre os ataques?*
- *Como identificar o alvo do bullying?*
- *Como reconhecer os agressores?*
- *O espectador também tem participação no bullying?*
- *O que é pior, agressão física ou agressão moral?*
- *Quais são os atos cometidos na prática de bullying?*
- *O que devemos fazer sobre os casos de bullying?*
- *Existe diferença entre o bullying praticado por meninos e por meninas?*
- *Como parar o bullying no ambiente escolar?*
- *Você já sofreu?*

É válido ressaltar que o roteiro é uma forma utilizada para que a conversa não tome outros rumos e acabe perdendo o foco central da entrevista. Destaca-se também que esse momento ocorreu de forma leve, tentando sempre deixar o convidado à vontade, sendo levada

como espécie de bate papo sobre o tema. Essa abordagem muitas vezes se faz necessário, tendo em vista que os entrevistados podem ficar inibidos ou até mesmo nervosos.

Por fim, como última etapa, ocorreu a roda de conversa intitulada “O que é o bullying, e como combatê-lo em sala de aula”, como mostra a imagem 2, cujo principal intuito era finalizar o ciclo de debates sobre a prática de bullying e seu combate, propiciando um momento reflexivo e necessário, tendo em vista os problemas de violência enfrentados nas escolas brasileiras.

Imagem 2 - Palestra “O que é o bullying, e como combatê-lo em sala de aula”



Fonte: própria autoria

Faz-se necessário salientar que para fins de análise, e desejando garantir o total anonimato dos participantes, a pesquisa é norteadada pela Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016), e também pelo Ofício Circular nº 2/2021 (BRASIL, 2021), ao qual define normas para as pesquisas em ciências humanas e sociais e assevera o dever ético do pesquisador.

Além disso, dos participantes que responderam a entrevista e o questionário, todos os pais/responsáveis tiveram, com certa antecedência, ciência sobre o Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido (TCLE), assinando-o e manifestando a sua anuência à participação na pesquisa.

7. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a realização dessas etapas, torna-se factível uma análise minuciosa dos resultados apresentados em cada momento. Nesse intento, como técnica de análise para estes dados, utilizou-se a análise qualitativa, pautada no conteúdo, e a quantitativa, essa valendo-se de uma estatística descritiva.

Como justificativa para esse tipo de análise, podemos dialogar com as ideias de Gibbs (2009), quando ele afirma que a análise quantitativa possibilita uma transformação de dados, deixando-os mais claros, objetivos e compreensíveis. Já ao utilizar-se de uma metodologia pautada na análise do conteúdo existe então a possibilidade de uma percepção a respeito dos mais variados discursos e formas de comunicação, sendo ela direta e objetiva (Bardin, 2011).

Partindo dos conceitos defendidos pelos autores, os resultados da pesquisa retratam tanto um olhar socio-educacional quanto quantitativo do problema, cujo princípio para esse debate é a tentativa máxima de tratar o tema na Escola Sonho Colorido em seus mínimos detalhes, não permitindo uma análise grosseira sobre a temática. Para fins de organização, também será trabalhado os resultados por etapa.

Na etapa de observação, o processo de análise do comportamento dos alunos e da violência escolar ocorreu de maneira espontânea e natural, onde sua duração contou com 31 dias, ou seja, um mês. No decorrer desse período, nas aulas da disciplina de Cidadania, Moral e Ética, os questionamentos durante e após a aula começaram a surgir com maior frequência, sendo eles referentes à violência escolar, especificamente sobre a prática do *bullying*.

Essa curiosidade pode ser vista tanto como um interesse a respeito do tema, como também uma espécie de busca resolutiva para um problema enfrentado por essas crianças. Esse fato pode ser pensado tendo em vista a pesquisa feita por Teixeira (2013), ao trazer dados sobre a prática de *bullying* em crianças na idade escolar.

Para isso, ainda se via a necessidade de um resultado mais refinado. Assim, a etapa do questionário fechado veio a ser um subsídio para chegar a este resultado. Como resultado do questionário temo que 41,86% da amostra é formada por meninos e 58,14% por meninas. Em relação à faixa etária, as respostas foram obtidas de alunos com idade entre 11 e 14 anos. É

válido destacar que essa faixa foi escolhida em função da maior incidência do bullying entre os alunos de 11 a 13 anos, como relata Medina (2017).

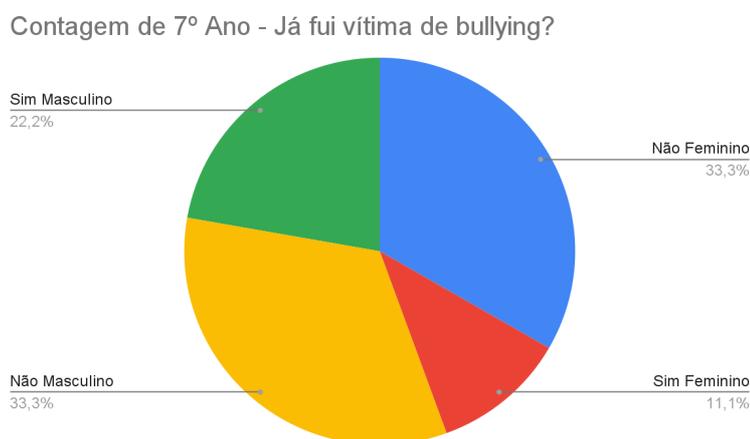
O intuito do questionário era compreender o público alvo, buscando perceber os alunos que já sofreram, ou sofrem bullying. Nesse mesmo questionário também buscou-se mapear escolares que já praticaram ou praticam o bullying na escola. Esta etapa contava apenas com duas perguntas sujeitas a resposta “Sim”, para confirmar a violência, ou “Não” para sua negação, diferenciando-os por gênero e turma, a fim de garantir resultados mais delimitados. Os gráficos apresentados abaixo mostram os resultados obtidos após a aplicação do questionário.

Gráfico 1 - Respostas dos alunos do 6º ano à primeira pergunta.



Fonte: própria autoria.

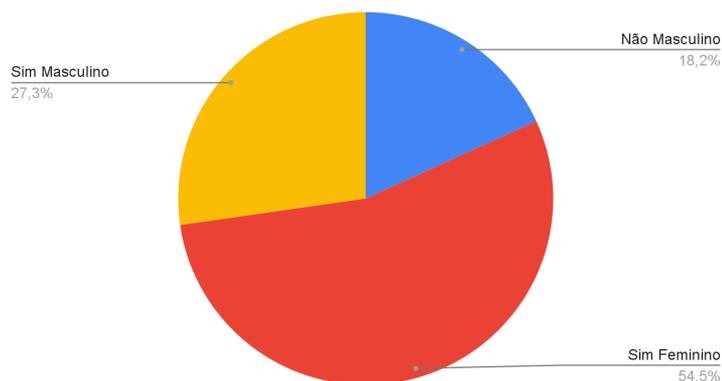
Gráfico 2 - Respostas dos alunos do 7º ano à primeira pergunta.



Fonte: própria autoria.

Gráfico 3 - Respostas dos alunos do 8º ano à primeira pergunta.

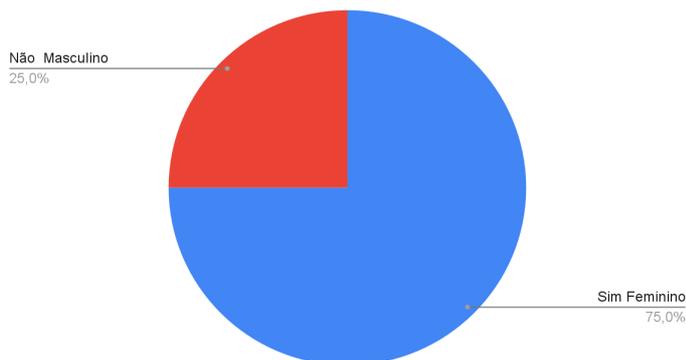
Contagem de 8º Ano - Já fui vítima de bullying?



Fonte: própria autoria.

Gráfico 4 - Respostas dos alunos do 9º ano à primeira pergunta.

Contagem de 9º Ano - Já fui vítima de bullying?



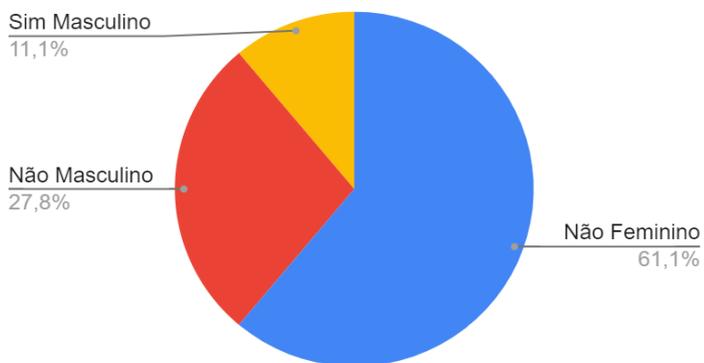
Fonte: própria autoria.

Avaliando os resultados percebe-se uma divergência entre gêneros quando o assunto é a prática de bullying nas turmas do Ensino Fundamental II da escola. Observando os gráficos nota-se entre as turmas que o gênero sexual feminino possui mais respostas sim para a ideia de vítima de bullying, contabilizando 19 respostas, do que o sexo masculino, que contabilizou 7 respostas. Dessa maneira, comprova-se que em um contexto total as meninas são mais vulneráveis socialmente a essa violência escolar quando comparadas aos índices dos meninos na Escola Sonho Colorido.

Ante o exposto, como na primeira pergunta do questionário, recorreu-se a gráficos para apresentar os resultados obtidos através das respostas dos alunos, a fim de uma análise estatística inicialmente. Com isso, os gráficos a seguir mostram as respostas adquiridas através da questão apresentada.

Gráfico 5 - Respostas dos alunos do 6º ano à primeira pergunta.

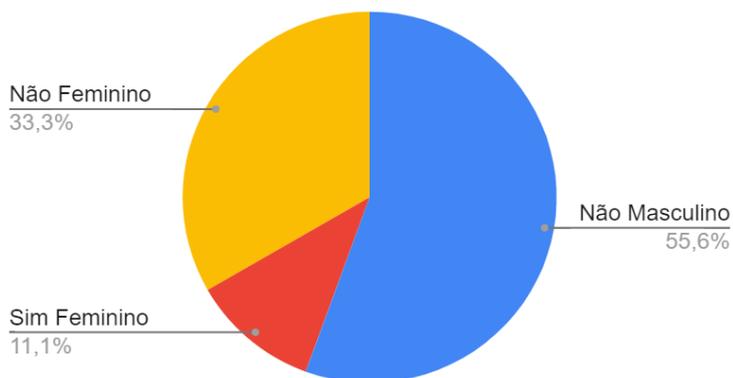
Contagem de 6º Ano - Já pratiquei bullyi...



Fonte: própria autoria.

Gráfico 6 - Respostas dos alunos do 7º ano à primeira pergunta.

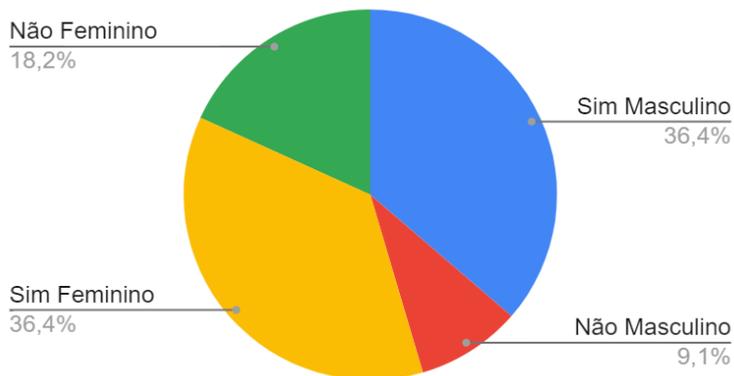
Contagem de 7º Ano - Já pratiquei bullyi...



Fonte: própria autoria.

Gráfico 7 - Respostas dos alunos do 8º ano à primeira pergunta.

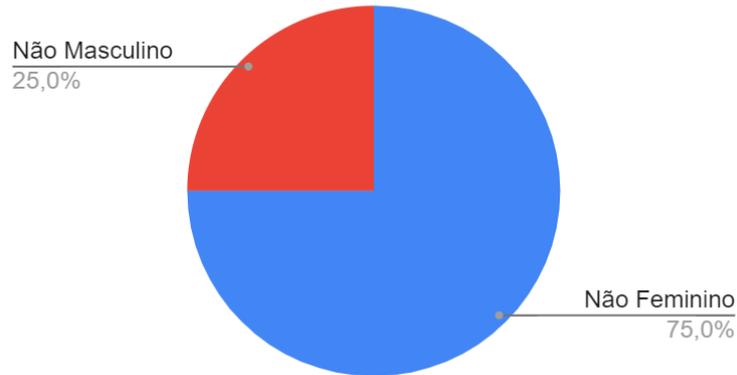
Contagem de 8º Ano - Já pratiquei bull...



Fonte: própria autoria.

Gráfico 8 - Respostas dos alunos do 9º ano à primeira pergunta.

Contagem de 9º Ano - Já pratiquei bu...



Fonte: própria autoria.

Diferentemente da primeira pergunta, a segunda pergunta, em sua totalidade, tem como público mais propício a prática do bullying o sexo masculino. Esse resultado expressa não apenas um dado local, mas também mundial se observado os fatos com devida atenção. Porém, surpreendente, nesse caso específico, na turma do 8º ano, predominam as meninas como atuantes dessa violência escolar.

Ademais, percebendo toda essa problemática, se fez necessário compreender um pouco mais sobre essas crianças e a prática do bullying, deixando de lado o olhar mais estatístico, passando a ser o enfoque o lado social e humano da situação. Para isso, estruturou-se o processo das entrevistas, usando uma linguagem condizente à idade e escolaridade dos alunos-alvo, utilizando-se de expressões próprias da idade. É importante destacar que o aluno deveria responder cada pergunta de acordo com sua realidade e experiências.

Visando uma melhor representação das respostas obtidas, utilizou-se a separação de resposta por pergunta, indicando os alunos com as seguintes legendas:

Quadro 1 - Legendas para os alunos em suas respostas a entrevista.

Legenda	Aluno	Gênero	Turma
A1F6	Aluno 1	Feminino	6º ano
A2M7	Aluno 2	Masculino	7º ano
A3F8	Aluno 3	Feminino	8º ano
A4M9	Aluno 4	Masculino	9º ano

Fonte: própria autoria.

O que pode explicar melhor essas legendas, é a questão da escolha aleatória de alunos, sendo 1 menina ou 1 menino por turma, em particular atendendo suas necessidades e privacidade. Nesse intento, como resposta a primeira pergunta da entrevista, que buscava compreender o que era o bullying, podemos destacar as seguintes respostas:

Pra mim, o bullying é quando uma pessoa está, vamos se dizer, que se, está recebendo né, muitas críticas sobre o seu corpo, sua fala, seu rosto e muitas coisas do tipo né. A pessoa que fala e pratica talvez sofra em casa sobre essas questões do tipo e que não tem amor no coração, eu acho (A1F6).

Bullying é... uma pessoa não respeitar a outra, tipo, como é... chamar ela de apelidos, como chamam uma pessoa que é obesa fazem bullying com ela, chamando de gordinho, de gordo é... entre outros, mas o bullying pra mim é desrespeitar pessoas (A2M7)

O bullying é quando você faz alguma piada sem graça com uma pessoa e a pessoa não gosta, fala e mesmo assim ela continua. Você vê que a pessoa está desconfortável com aquilo e não muda, mas tem várias outras questões e não vou descrever todas (A3F8).

Para mim, o bullying é uma forma que uma pessoa vai querer se exaltar e se achar superior a outra pessoa por conta talvez da força e do tamanho (A4M9).

Já como resposta para a segunda pergunta, a qual se interessava em saber sobre as consequências para a vítima, obteve-se como respostas às seguintes questões:

As consequências é que se ele não falar que sofre por responsável ou algo do tipo, ele vai sofrer demais, e, talvez ele tenha muito medo de falar, porque a pessoa que pratica com ele pode ameaçar, dizendo que se ele contar pro responsável ele sofre mais (A1F6).

Ele pode ter problemas psicológicos né, porque ele vai ser alvo de tudo (A2M7).

Pode acabar criando algum tipo de fobia contra as pessoas, não vai querer mais sair e vai pensar que em todo lugar vai ser tratado daquele jeito, vai ter vergonha de si mesmo, porque geralmente é pelo físico da pessoa ou pela aparência dela. Então eles costumam dizer as coisas e as pessoas acabam ficando com vergonha do corpo ou da personalidade da pessoa (A3F8).

O aluno poder ter, como posso falar... pode ter índices de depressão por conta da humilhação constante na escola e também pode ter a diminuição da autoestima e vai se achar humilhado toda as vezes que ele vai tá indo na escola e sofrendo bullying (A4M9).

Para a terceira pergunta, que buscava analisar sobre como o bullying afeta a saúde das vítimas na visão dos alunos, as respostas foram:

Olha, eu posso dizer isso porque já sofri na minha escola antiga, e... né nem bullying assim, mas por causa da minha fala eu sofria muito bullying dos meninos maiores do 7º ao 9º ano, começaram a falar do meu corpo, da minha fala, do meu rosto. Nessa época eu tinha muitas espinhas e então eles falavam isso, e o que afeta, é o que tá me afetando hoje, eu tenho ansiedade, depressão por causa que os meninos falavam isso comigo. E ainda encontro alguns dos meninos do 9º na rua hoje em dia e tals na pracinha e eu lembro de tudo que eles falavam de mim. Então na saúde física pode ser que as pessoas que estão sofrendo se cortem ou façam algo

contra o seu corpo, e a mental coloca as coisas que as pessoas falam na cabeça e pensam que é verdade (A1F6).

Ela vai ficar traumatizada né, porque sobre o bullying... é, vai ter problemas psicológicos, não vai querer vim pra aula, vai ficar inventando doença tia, aquela coisa, pra ter um “dia de paz” (A2M7).

A saúde psicológica da pessoa fica um lixo e também tem os casos que ela ganha né, então ociosa problemas não só no físico mas também no psicológico e mental. O físico passa né mas o mental não, a pessoa vai carregar pelo resto da vida (A3F8).

Continuando, como eu falei, vai ocasionar a depressão e ele pode se cortar e se distanciar da família e tentar fazer algo contra si, querendo sair do mundo e se apagar (A4M9).

Na quarta pergunta, a qual tentava avaliar a percepção dos interlocutores a respeito da identificação do alvo do bullying, obteve-se as seguintes falas:

Tinha uma amiga minha, que não vou falar o nome, que ela tava sofrendo bullying do xxx, ele falava que ela era gorda, baleia no 3º, e hoje, quando ela viu ele, tudo voltou, ele começou a falar que ela continuava gorda e baleia e tals, e ela também fazia comigo por causa da minha fala e do meu corpo, zombou até da minha crise de ansiedade, que eu comecei a chorar na sala, “ aí interlocutor I, desde o 3º ano que tu chora feito uma bebe” e isso me afetou muito, por isso eu estou tendo muita ansiedade atualmente (A1F6).

Se antes... Pelo comportamento dele eu acho, porque ele era um menino feliz que brincava com todo mundo e falava com todo mundo e depois ele ficou tipo, mudança de comportamento, ficou triste e não queria mais vir pra aula (A2M7).

Quando você ver que a pessoa não está conseguindo, sei lá... prestar muita atenção na aula as notas da pessoa tá caindo muito e a pessoa não quer mais ficar próxima da pessoa que tá fazendo bullying com ela e o restante da turma pois tem medo (A3F8).

A gente identifica o alvo quando você percebe que o aluno está mais quieto em sala e sente que ele está querendo se isolar dos outros e não participa e é mais calado. Não gosta de ter aquela comunhão de conversar com todo mundo, ele fica mais na dele sempre (A4M9).

Com a quinta pergunta tentou-se perceber se os alunos possuíam um olhar aguçado a respeito da temática, sendo capazes de identificar os agressores através dessa prática. Nesse intento, surgiram as seguintes respostas:

Assim, do jeito que o xxx olhava pra xxx eu comecei a perceber que quando ele olhava pra ela, ela começava a ficar desconfortável, nisso eu fui percebendo, de como ela ficava desconfortável perto dele e nos mesmo locais da escola (A1F6).

Pelo comportamento dele também, tipo, se ele, como é, se ele fala algumas coisas ou faz brincadeiras sem graça com os outros (A2M7).

Quando você percebe que tá falando alguma coisa ali que não deveria tá falando, aí você percebe que tá olhando para a pessoa com uma cara meio de raiva e esse tipo de coisa eu acho (A3F8).

O agressor é aquele que sempre quer se exaltar, chamar atenção da sala toda pra si e mostrar respeito para todos, mas é aquilo que todo mundo fala, respeito você não ganha, respeito você obtém (A4M9).

Em sequência, na sexta pergunta do roteiro, onde os alunos deveriam responder se o espectador também é um praticante do bullying, os interlocutores responderam:

Não, tia (A1F6).

Às vezes, porque eles podem rir das pessoas e isso vai causar um constrangimento né (A2M7).

Tem, pois não falam nada e quem tá vendo deve denunciar que aquilo tá errado e ver se alguém faz alguma coisa (A3F8).

Sim, por conta que ele é a peça mais importante, porque ele vai observar tudo e vai saber diferenciar quem está sofrendo e quem é o agressor (A4M9).

Na sétima pergunta os escolares deveriam relacionar a agressão moral com a física e através disso definir a pior delas. Dessa maneira, os alunos responderam o seguinte:

A moral (A1F6).

A moral né, vai causar mais danos que a física tem, o psicológico é pior, vai ficar traumatizado (A2M7).

Moral (A3F8).

Ao meu ver, a moral é a pior de todas, porque a pessoa vai tentar de qualquer maneira entrar na sua mente (A4M9).

Na oitava pergunta havia a proposição de os entrevistados relatarem os atos que arremetem a prática do bullying. Assim, as respostas foram de certa forma parecidas, como mostrado abaixo.

Eu já falei no início, tia, falar do corpo, rosto e tals (A1F6).

Aquilo que eu já expliquei à tia, a falta de respeito com os outros (A2M7).

Muitos, mas geralmente eles ficam fazendo piada sobre uma coisa que incomoda muito você e eles sabem disso, e eles podem dizer muitas coisas. A principal é essa que ofende você mesmo, além disso eles ficam tentando incomodar você durante as aulas para tirar sua atenção e você tirar notas baixas na escola (A3F8).

O físico são muros, às vezes bater até desligar, já o verbal é piadas sem graças sobre o outro (A4M9).

Para a nona pergunta o interesse era perceber o que os alunos entendiam sobre as atitudes a serem tomadas a respeito da observação da prática do bullying. Com isso, as respostas foram:

Se algum professor ver um aluno sofrendo bullying é melhor perguntar o que aconteceu e se ver alguém praticando ficar nervosa e tals e a pessoa que estiver sofrendo ficar triste, aí sim tá acontecendo alguma coisa (A1F6).

Devemos falar com o agressor, por causa que... conversar com ele sobre aquilo que não é certo, para ele se colocar no lugar do que ele está fazendo, ele não iria querer que ele fosse feito aquilo que estão fazendo com ele (A2M7).

Avisar a direção da escola e denunciar (A3F8).

Creio que a gente possa fazer palestras, até mesmo conversar com os alunos em si e trazer uma pessoa para os alunos conversarem e falarem o que sentem, para a gente entender o que aconteceu (A4M9).

Na penúltima pergunta do roteiro os interlocutores deveriam avaliar se existe diferença entre o bullying praticado por meninos e meninas. Os alunos responderam a pergunta da seguinte maneira:

Talvez, porque o de menina, na minha antiga escola tinha muitos casos sabe. ai os de meninos eles praticavam com elas, sempre falando do nosso corpo sabe, das partes íntimas, do tamanho, da altura né(A1F6).

Eu não acho, acho que são iguais às vezes (A2M7).

Existe, as meninas elas.. os meninos assim eles vão agredir mais o físico e as meninas a aparência das outras meninas porque querem (A3F8).

Não (A4M9).

Para a décima primeira pergunta, pensou-se em como os escolares entrevistados viam as questões a respeito da interrupção do bullying escolar, de que maneiras essa prática poderia ser parada. Os alunos responderam da seguinte forma:

Olha, como eu ainda sou muito criança eu não sei o que eu faria, mas eu chamava os pais e conversava e se continuar aí sim teria que tomar uma providência maior (A1F6).

Falar com os professores, falar com a direção, por causa que aí eles podem comunicar aos pais do agressor (A2M7).

Avisar a direção para tomar um rumo sobre o que está acontecendo, chamando os pais para acabar com o bullying (A3F8).

A professora vai pontuar na sala os alunos mais ativos e os alunos mais quietos para poder fazer uma análise da situação e ver o que tem de errado nos afastamentos dentro de sala de aula (A4M9).

A última pergunta encerra a entrevista com a pergunta “Você já sofreu?”, esse questionamento foi pensado para reforçar os resultados tratadas no questionário. Dessa maneira, os discentes responderam, e dessa vez até apontam culpados, como mostram as respostas abaixo:

Sim tia, na minha antiga e escolar e pelo colega xxx (A1F6).

Não (A2M7).

Sim, no maternal até o 3º ano por uns meninos do 8ºano eu acho (A3F8).

Graças a Deus eu falo que não (A4M9).

Analisando todas as respostas, de maneira minuciosa, foi perceptível a diferença na maturidade a respeito das respostas, e com o assunto é absorvido de maneira diferente por cada idade e experiências. Em relação à prática do bullying por gênero, torna-se evidente que

as meninas entrevistadas já foram vítimas de bullying e os meninos entrevistados não, o que interfere diretamente na forma de responder às perguntas, dando assim margem para algumas ideias divergentes entre ambos.

Entretanto, nota-se ainda uma imaturidade dos entrevistados a respeito de alguns posicionamentos, como no caso da diferenciação entre o físico e o moral, interligando ainda o moral como o mais prejudicial para os alvos. Em síntese, a análise das entrevistas e do questionário dão uma margem importante para entender a prática e as causas do bullying na Escola Sonho Colorido, e como essa violência escolar afeta individualmente o desempenho dos alunos alvos do bullying.

Observando essas questões, como última etapa da pesquisa se viu a necessidade de um momento de precaução e alerta sobre a prática do bullying. Dessa maneira, a palestra com o auxílio da direção juntamente com a psicóloga escolar Jucymara Marcolino, foi realizada com sucesso, respondendo dúvidas e questões com base nas perguntas iniciais da entrevista.

Para tanto, essa pesquisa faz-se ser de natureza aplicada, pois, através de todo este estudo, levantamento, escuta e demais atividades, a Escola Sonho Colorido viu a necessidade da criação de uma disciplina denominada Socioemocional, um fruto de todo esse processo exploratório, que busca em suas matrizes principalmente a escuta e o diálogo.

8. PERSPECTIVAS FUTURAS E DESAFIOS

Considerando todos os aspectos que envolvem a atual conjuntura de pesquisa e de ensino, que dialogam com a temática abordada, é de tamanha complexidade o problema geral. Percebe-se que ainda são necessários muitos avanços socio-educacionais para se chegar a um combate com total eficácia a respeito da prática do bullying. Interligar as ideias de sociólogos e pesquisadores tradicionais à realidade social de algumas crianças é algo que necessita de preparo e humildade da classe educacional, a fim de buscar melhores mecanismos capazes de amenizar essa prática.

Apesar do ambiente educacional ser um espaço cultural, que promove saberes e valores, e ainda assegura o desenvolvimento social, é nele a maior incidência de casos de bullying, o que apresenta ser uma falha do sistema ou um acometimento cultural. No caso da Escola Sonho Colorido, apesar do Projeto Político Pedagógico (PPP) possuir manobras de combate às ações de violência escolar, notou-se na pesquisa altos casos de bullying, o que

evidencia a necessidade de maiores cuidados a respeito da violência escolar dentro da instituição.

Assim, a pesquisa apresenta-se como um estudo comprobatório da rápida necessidade de alterações em documentos, metodologias e até estrutura de PPP, pois, ela possibilita um estudo aguçado sobre a violência, utilizando-se de uma análise subjetiva e objetiva dos sujeitos. Diante dessa possibilidade as pretensões quanto a continuidade da pesquisa não estão cessadas, sendo cogitado o seu prosseguimento em um trabalho de mestrado e até pesquisas em outras escolas, a fim de possibilitar alterações necessárias para saúde, segurança e aprendizado de todos aqueles que compõem o ambiente escolar.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo de. Estudo de Caso: foco temático e diversidade metodológica. **BLOCO**, p. 60-72, 2016.

BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. As implicações do bullying na autoestima de adolescentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, p. 131-138, 2010.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Editora Vozes, 2023.

BRASIL. **Ofício Circular nº 2/2021**. Ministério da Saúde Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Brasília, 2021. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf Acesso em: 15. Nov. 2023.

BRASIL. **Resolução 510/2016**. Conselho Nacional de Saúde. Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 15. Nov. 2023.

CRISTOVAM, Marcos Antonio da Silva; OSAKU, Nelson Ossamu; GABRIEL, Gleice Fernanda Costa Pinto; RIBAS, Joice; ALESSI, Danieli. Atos de bullying entre adolescentes em colégio público de Cascavel. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 46-54, 2010.

DEWEY, John. **A filosofia das artes**. Carbondale: The Later Works, 1938.

DURKEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência na escola e educar para a paz**. Campinas: Verus, 2005.

FERREIRA, Valéria; ROWE, Janaina Fatima; OLIVEIRA, Lisandra Antunes de. Percepção do professor sobre o fenômeno bullying no ambiente escolar. **Unoesc & Ciência**, Joaçaba, v. 1, n. 1, p. 57-64, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 84. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

- GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos: coleção pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman Editora, 2009.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos (LTC), 1988.
- GOMES, Ana Elizabeth Gondim; REZENDE, Luciana Krauss. Reflexões sobre bullying na realidade brasileira utilizando a técnica de análise de conteúdo: revisão bibliográfica. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 11, n. 1, 2011.
- GONÇALVES, Carlos Alberto; MEIRELLES, Anthero de Moraes. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2004.
- GONÇALVES, Carlos Luiz; PIMENTA, Selma Garrido. **Reverendo o ensino de 2º Grau, propondo a formação do professor**. São Paulo: Cortez, 1990.
- HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antônio (Org.). **Vida de professores**. 2. ed. p. 31- 61. Porto, Portugal: Porto Editora, 2007.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Práticas de organização e gestão da escola: objetivos e formas de funcionamento a serviço da aprendizagem de professores e alunos**. Secretaria Municipal de Educação de Cascavel-PR, 2015.
- LIMA, Licínio Carlos. **A escola como organização educativa: uma abordagem sociológica**. São Paulo: Cortez, 2011.
- MALTA, Deborah Carvalho et al. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 3065-3076, 2010.
- MEDINA, Vilma. As crianças de 11 anos são as mais propensas ao bullying escolar. **Guiainfantil.com**, 11. Jan. 2017. Disponível em: <https://br.guiainfantil.com/blog/educacao/bullying/as-criancas-de-11-anos-sao-as-mais-propensas-ao-bullying-escolar/>. Acesso em: 07. Nov. 2023.
- MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?. **Cadernos de saúde pública**, v. 9, p. 237-248, 1993.
- PAUTZ, Silvia; SOUZA, Antonio Escandiel de; CAMARGO, Maria Aparecida Santana. Uma abordagem teórica sobre o fenômeno bullying no cotidiano escolar. In: Seminário Internacional de Educação do Mercosul, 17., 2015, Cruz Alta. **Anais do XVII Seminário Internacional de Educação do Mercosul**. Cruz Alta, 2015.
- PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 1994.
- PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Póiesis Pedagógica**, Catalão, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- TEIXEIRA, Gustavo. **Manual Antibullying**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2013.
- TREVISOL, Maria Teresa; DRESCH, Daniela. Escola e bullying: a compreensão dos educadores. **Múltiplas Leituras**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 41-55, 2011.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ANEXOS

ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Essa pesquisa faz parte das atividades da disciplina de Estágio supervisionado I da Licenciatura de Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Tem-se como objetivo **correlações entre a percepção do que é o bullying e o relato de violência entre alunos do Fundamental II da Escola Sonho Colorido em Capistrano-CE**. Esse processo investigativo tem como função investigar os fatos relacionados à prática do bullying no âmbito escolar para trazer uma maior compreensão sobre a realidade estudada. A forma de participação é respondendo as perguntas sobre os temas relacionados. Espera-se, assim, a contribuição de opiniões e experiências a respeito dessa temática. A informação que se gere neste espaço será integrada à investigação, tomando todos os cuidados necessários para proteger a identidade das pessoas que participem no estudo, que não serão identificadas nos relatórios e nas publicações posteriores. A participação neste estudo é voluntária e quem decide participar poderá deixar de fazer em qualquer momento. Igualmente, a colaboração nesta investigação não supõe custos e riscos. Em caso de querer conhecer mais sobre o estudo ou se surgirem dúvidas, pode-se solicitar à equipe de investigação que as solucione. O material coletado será arquivado. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). Mesmo não tendo benefícios diretos em fazer parte dessa pesquisa, os participantes estarão contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico e aperfeiçoamento. Os procedimentos previstos obedecem aos Critérios de Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 510/2016 (Humanidades) e nº 466/2012 (Ciências da Saúde) do Conselho Nacional de Saúde. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser solucionadas pela professora Ana Kercia Mendes Lima. (annakercya1@gmail.com) e também entrar em contato com a direção da Escola Sonho Colorido.

_____ data ____/ ____/ ____ ano
(Local)

Ana Kercia Mendes Lima- Professora da ESC

Assinatura participante

APÊNDICES

APÊNDICE I- ROTEIRO PARA ENTREVISTA

- O que é bullying?
- Quais são as consequências para o aluno que é alvo?
- Como o bullying afeta a saúde de quem sofre os ataques?
- Como identificar o alvo do bullying?
- Como reconhecer os agressores?
- O espectador também tem participação no bullying?
- O que é pior, agressão física ou agressão moral?
- Quais são os atos cometidos na prática de bullying?
- O que devemos fazer sobre os casos de bullying?
- Existe diferença entre o bullying praticado por meninos e por meninas?
- Como parar o bullying no ambiente escolar?
- Você já sofreu?